



O GÊNERO COMO RESPOSTA A EXPERIÊNCIAS RECORRENTES: UMA ANÁLISE DA CRÔNICA DE VERISSIMO SEGUNDO A VISÃO DE CAROLYN MILLER

Francisco Augusto Vilaça da Costa (UFMG)¹

Resumo: No artigo em questão, o principal objetivo almejado foi uma proposta de análise textual e discursiva da crônica jornalística “O futuro do GPS”, escrita por Luis Fernando Verissimo (2009), partindo dos conceitos desenvolvidos por Miller (2012), sendo o gênero entendido como ação retórica e que é compartilhado e compreendido pelos outros membros em uma dada situação comunicativa pelo fato de estarem todos inseridos em uma mesma comunidade retórica. Foi possível observar que Verissimo seguiu as restrições relativas ao gênero e à comunidade retórica na qual ele produziu o texto, mas que também se valeu de uma transgressão temática para fins particulares e diferenciais. Concluiu-se que a crônica seguiu os moldes para a sua inserção como gênero por se configurar exatamente como uma ação retórica individual que possui certa liberdade, mas sem deixar de seguir as restrições impostas pelas forças centrípetas (de cunho restritivo) que Carolyn Miller ressalta em seu trabalho.

Palavras-chave: Crônica jornalística. Ação retórica. Comunidade retórica.

Abstract: In the article in question, the main objective pursued was a proposal for a textual and discursive analysis of the journalistic chronicle “O futuro do GPS”, written by Luis Fernando Verissimo (2009), based on the concepts developed by Miller (2012), with the genre being understood as a rhetorical action and that is shared and understood by the other members in a given communicative situation due to the fact that they are all inserted in the same rhetorical community. It was possible to observe that Verissimo followed the restrictions related to the genre and the rhetorical community in which he produced the text, but that he also used a thematic transgression for particular and differential purposes. It was concluded that the chronicle followed the molds for its insertion as a genre because it was configured exactly as an individual rhetorical action that has a certain freedom, but without ceasing to follow the restrictions imposed by centripetal forces (of a restrictive nature) that Carolyn Miller points out in her job.

Keywords: Journalistic chronicle; Rhetorical action; Rhetorical community.

1. Introdução

A proposta de estudo do presente artigo científico visa interpretar uma crônica de Luis Fernando Verissimo publicada em 31 de dezembro de 2009 no jornal *O Globo* sob o título “O futuro do GPS” a partir da visão de Carolyn Miller sobre os gêneros do discurso, mais especificamente a partir de três perspectivas relacionadas à linha de pensamento dessa autora:

¹ Graduando em Bacharelado de Estudos Linguísticos com ênfase no Texto e no Discurso pela Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. E-mail para contato: franvilcos.0711@gmail.com.



I) o gênero como resposta a uma ação vivenciada pelo indivíduo e que surge a partir de uma necessidade social, propiciando as condições para o seu surgimento; II) o gênero como sendo mais do que uma entidade formal, entendido como uma noção pragmática e completamente retórica, um elo entre intenção (ato ilocucionário) e efeito (ato perlocucionário); e III) a relação entre o retor, no caso Luis Fernando Verissimo, e a comunidade retórica (base sociocultural dos gêneros), visando compreender a relação entre microníveis e macroníveis que os gêneros engendram por serem artefatos culturais realizados por ações individuais.

Com isso, busca-se inferir como Verissimo cumpre as restrições relacionadas ao gênero crônica jornalística nos quesitos formal, conteudístico e de recorrência relacionados a esse tipo de situação retórica, haja vista que as situações específicas (o tema/conteúdo ou a autoria do texto) podem ser diferentes, mas as ações retóricas (situações ou contextos recorrentes) são as mesmas. Assim, o que realmente recorre não concerne a uma situação material (um evento real, objetivo, factual), mas a interpretação da comunidade retórica sobre um tipo (contexto ou situação). Destarte, observar-se-á as estratégias utilizadas pelo escritor para manter-se dentro das expectativas relativas ao gênero ao mesmo tempo em que Verissimo se vale do ficcional e do fantasioso para promover uma reflexão crítica acerca da sociedade contemporânea. A ação retórica em questão se daria por um jogo equilibrado entre o cumprimento do tipo recorrente na sua situação de produção e de circulação e as manobras utilizadas para tornar a crônica diferente, mesmo que esteja inserida dentro dos moldes desse gênero.

2. A noção de gênero na perspectiva de Carolyn Miller

Uma classificação do discurso será retoricamente sólida se contribuir para uma compreensão de como o discurso funciona – isto é, se refletir a experiência retórica da população que cria e interpreta o discurso. (MILLER, 2012, p.23).

É dessa forma que Carolyn Miller explicita o princípio para a organização e classificação dos gêneros retóricos, partindo de um caráter sociológico que entende que o gênero não deve ser analisado como mera forma linguística, e sim como uma forma de resposta que se torna recorrente e cristalizada pelas situações comunicativas recorrentes, a partir da vivência social. Entender o gênero como essa modalidade de ação social é importante não pela taxonomia que se cria a partir de seu estudo, mas porque enfatiza alguns aspectos sociais e



históricos da linguagem, sendo um ponto diferencial da proposta de Miller em relação a outras que se prestam a estudar os gêneros.

Uma noção retoricamente válida de gênero necessita estar centrada não na substância (conteúdo temático) ou na forma discursiva, mas no contexto ou situação que origina o gênero retórico de modo a entender qual é a finalidade em questão do gênero. A classificação do discurso deve se fundamentar nas convenções da prática retórica (das práticas sociais e do contexto), já que os gêneros seriam uma categoria convencional dentro do discurso baseada na tipificação em larga escala da ação retórica, por meio da intenção do retor, aquele que produz o gênero, junto ao seu interlocutor:

Em suma, o que estou propondo aqui é que na retórica o termo “gênero” seja limitado a um tipo particular de classificação de discurso, uma classificação baseada na prática retórica e, consequentemente, aberta – em vez de fechada – e organizada em torno de ações situadas (...). (MILLER, 2012, p.27).

O contexto comum compartilhado pelos membros inseridos nas mesmas práticas sociais é imprescindível para que a comunicação seja bem-sucedida, já que os participantes da comunicação devem compartilhar os mesmos saberes e ter ciência das convenções de discurso que a sociedade estabeleceu para que possam agir conjunta e colaborativamente.

Assim, o que particularmente importa nas situações retóricas para uma teoria que aborda os gêneros, como é o caso da visão de Carolyn Miller, é que tais situações se configurem como recorrentes; e, como padrões recorrentes de uso linguístico, os gêneros acabam por auxiliar a constituir a substância da vida cultural dos seres humanos, sendo apreendidos como verdadeiros artefatos culturais que os ligam à sociedade e à época nas quais foram produzidos e circulavam. Um gênero, por fim, é um meio retórico para a mediação das intenções individuais e da exigência social, ligando o privado ao público e o singular ao recorrente, pois ao mesmo tempo em que permite uma certa liberdade de ação para com o seu retor também apresenta caracteres que devem ser obedecidos de maneira a alcançar a finalidade comunicativa.

Por isso, a finalidade central da proposta retórica de Miller é sobre:

(...) como entender a relação entre, de um lado, as ações observáveis particulares (e peculiares) de agentes individuais e, de outro lado, a influência abstrata, mas singular, de uma cultura, sociedade ou instituição. (MILLER, 2012, p.47).



A produção de textos de um determinado gênero seria, então, a reprodução de uma memória social, embora haja um aspecto individual por meio da intervenção de um retor que o produz de forma concreta. A essa memória social Miller denomina “comunidade retórica”, sendo a base cultural dos gêneros, já que os mesmos são portadores de cultura por incorporarem conhecimento de todas as várias dimensões daquilo que é entendido como cultura. Ao mesmo tempo, mudam com o tempo por causa das variações de natureza sociocultural. De qualquer maneira, os gêneros seriam um constituinte específico e importante da sociedade, um aspecto principal de sua estrutura comunicativa: uma das estruturas de poder que as instituições exercem.

Por consequência, se as instituições possuem poder para mudar a mentalidade dos membros da sociedade na qual elas estão inseridas, os gêneros são inseparáveis desse poder e expressam quem tem legitimidade ou não no direito de tomar a palavra. Isto posto, cada indivíduo, de maneira particular e ao mesmo tempo coletiva, está imerso em uma determinada comunidade retórica que é regida por determinadas instituições, que moldam a sua personalidade e a sua linguagem por meio dos gêneros. Eles são fundamentais para a consolidação e manutenção de uma comunidade retórica e possibilitam manter e reforçar as relações de poder dentro dela. Entendido como o aspecto da comunicação situada (produção individual de um texto) capaz de ser reproduzido, o gênero pode se manifestar em mais de uma situação, em mais de um espaço-tempo concreto, no embate entre forças centrífugas, de caráter inovador, e centrípetas, de teor regulatório.

Finalmente, C. Miller argumenta:

Não podemos entender completamente os gêneros sem uma compreensão mais profunda do sistema coletivo que constituem, sem explorar mais detidamente a natureza da coletividade. (MILLER, 2012, p.51).

A comunidade retórica (religiosa, empresarial, científica, jurídica, entre outras) é formada por ações retóricas que lhe são características e por determinados gêneros de interação, se caracterizando por meio de modos de fazer as coisas que incluem reproduzir a si mesma. Ela opera retoricamente, em parte, através do gênero, articulando as ações sociais e reproduzíveis, sendo o gênero “o nexo entre o privado e o público, o singular e o recorrente, o micro e o macro.” (MILLER, 2012, p.53). O gênero se constitui como interação entre semelhanças e diferenças, das forças centrípetas e centrífugas que formam uma comunidade retórica, já que a



retórica na sua essência demanda tanto o acordo quanto o desacordo, conhecimentos cristalizados e partilhados e novidades. A comunidade retórica, desse modo, inclui de forma paradoxal o outro. Tomando como base os aspectos aqui mencionados, conclui-se que os gêneros representam um sistema de ações e interações que possui funções e lugares sociais específicos, assim como valor ou função repetitiva e recorrente, relacionando particularidades materiais, instanciação de um gênero em atos individuais e sistemas relativamente estáveis de valor e significação.

3. Análise da crônica “O futuro do GPS” segundo as noções de gênero como ação retórica de Carolyn Miller

Considerando os principais conceitos expostos sobre a noção de gêneros do discurso de acordo com a perspectiva de Carolyn Miller, seguir-se-á uma análise da crônica jornalística “O futuro do GPS”, de autoria de Luis Fernando Verissimo e publicada no jornal *O Globo* em 2009.

Segue abaixo a crônica:

O FUTURO DO GPS - Luis Fernando Verissimo (escrito em 2009)

Ainda não me refiz da primeira vez que vi um GPS funcionando. GPS, já sabia todo o mundo menos eu, quer dizer Sistema de Posicionamento Global, em inglês. É um aparelho que mostra onde estamos numa telinha e diz como chegar onde queremos ir. Diz, literalmente. O danado do aparelho não apenas fala como é poliglota: você pode escolher a língua com a qual será guiado. Durante a Copa do Mundo na Alemanha, que foi quando conheci o engenho mágico, éramos orientados por uma simpática portuguesa que não nos deixava confundir *ingang* com *aufgang*, chamava rotatória de “rotunda” e nunca nos falhou.

Nem comecei a tentar compreender como a visão de um satélite estacionado sobre nossas cabeças chegava no carro e se transformava em voz com sotaque português. Eu ainda não sei bem como funciona grampeador.

Mas posso imaginar como será o futuro do GPS. É provável que um dia ele assuma o volante e dispense o motorista, eliminando uma etapa no processo de dar direções e só usando sua voz para gritar com as crianças no banco de trás. E não é impossível que, com o tempo, surja uma espécie de GPS moral, um sistema de orientação não para veículos mas para gente,



que mostre o caminho a ser seguido, os desvios éticos a serem evitados e a melhor saída para qualquer “rotunda” de incertezas que possa nos comprometer. O aparelho não seria maior do que um celular que cada um carregaria no bolso ou na bolsa.

Porque a verdade é que todos os nossos antigos sistemas de orientação – o religioso, o familiar, o jurídico, o filosófico – falharam, somos uma geração à deriva, sem giroscópio. Com o aperfeiçoamento do GPS seríamos guiados por uma entidade superior que tudo vê e tudo sabe, um satélite estacionário sem nenhuma dúvida sobre o que é certo e o que é errado e o que nos convém. Bastaria levar o aparelho ao ouvido e escutar seus conselhos.

Na voz que escolheríamos.

Seguindo as três perspectivas anteriormente mencionadas na introdução desse artigo, a análise se sucederá em três momentos: I) a crônica de Verissimo como resposta a uma ação concreta vivenciada pelo autor e que surgiu a partir de uma necessidade de comunicação social, propiciando as condições para o seu surgimento e elaboração por parte dele; II) o gênero entendido como uma noção pragmática e completamente retórica, um elo entre intenção (ato ilocucionário) e efeito (ato perlocucionário), haja vista que pelo plano do conteúdo temático Verissimo transgride as expectativas relativas a esse gênero ao mesmo tempo em que mantém sua forma, demonstrando a genial capacidade desse escritor; e III) a interação entre o retor (Luis Fernando Verissimo) e a sua comunidade retórica, visando compreender a relação entre microníveis e macroníveis que os gêneros engendram por serem artefatos culturais realizados por ações individuais articuladas.

Em primeiro lugar, infere-se que o texto produzido por Verissimo cumpre com o principal requisito esperado dentro da crônica jornalística: o de materializar na escrita de textos curtos, de modo simples e franco, situações cotidianas que são facilmente experienciadas. Paulo Henrique Cossari afirma em seu artigo “O cotidiano representado na crônica jornalística”, de 2004:

Como dispositivo para representar a vida corriqueira, o cronista utiliza a heterogeneidade, ou seja, fatos do cotidiano, para ilustrar ou para ajudá-lo a exemplificar sua explicação e, às vezes, fazer algumas construções humorísticas. (COSSARI, 2004, s/p).

No caso de “O futuro do GPS”, o acontecimento em questão é o funcionamento do aparelho de GPS, algo tão corriqueiro nos dias atuais, o qual o autor relata ter conhecido na



Copa do Mundo da Alemanha, realizada no ano de 2006: “Durante a Copa do Mundo na Alemanha, que foi quando conheci o engenho mágico, éramos orientados por uma simpática portuguesa que não nos deixava confundir *ingang* com *aufgang*, chamava rotatória de “rotunda” e nunca nos falhou.”. É interessante notar pelo aspecto formal ou estilístico o uso de expressões e palavras que atestam a simplicidade e o tom leve comum às crônicas do âmbito jornalístico: “telinha”, “danado do aparelho”, “engenho mágico”, o que coloca o texto próximo “da conversa do dia a dia” (COSSARI, 2004, s/p). Assim, as condições para que a crônica fosse escrita foram propiciadas exatamente por um fato da vida cotidiana experienciado pelo autor, engendrando o contexto para o surgimento e a elaboração da crônica no meio social.

Partindo para a segunda perspectiva da análise textual de acordo com Carolyn Miller que pode ser observada nessa crônica, o texto pode ser entendido como uma ação pragmática e completamente retórica porque se vale de um acontecimento cotidiano no intuito de propor como objeto de reflexão um tipo de “GPS moral”, um instrumento que serviria como guia ético para a sociedade, revelando a pretensão do cronista em agir por meio de um padrão já recorrente e tipificado, que seria o gênero crônica. Na visão de Verissimo, a atual organização social estaria sem um eixo de orientação que pudesse norteá-la sobre os melhores caminhos a serem tomados: “Porque a verdade é que todos os nossos antigos sistemas de orientação – o religioso, o familiar, o jurídico, o filosófico – falharam, somos uma geração à deriva, sem giroscópio.”. Exemplifica, desse modo, o pensamento de Miller quando ela considera que o primordial a respeito do gênero pela ótica da retórica é assumir o contexto no qual ele foi produzido a fim de compreender a sua finalidade.

Dessa forma, o autor propõe um jogo muito bem estruturado entre a intenção (ato ilocucionário) de criticar a falta de norteamento de valores pela qual as sociedades contemporâneas passam atualmente e o efeito que tal reflexão surtiria no público-leitor (ato perlocucionário), uma vez que a crônica jornalística tem na sua natureza um fato corriqueiro que serve como exemplo para a construção da posição do cronista. Aqui, Luis Fernando Verissimo se vale de um contexto comum compartilhado pelos membros inseridos nas mesmas práticas sociais que ele, de modo que o texto tenha um efeito de surpresa sobre o leitor (além do efeito humorístico ou de tom mais leve esperado para o gênero crônica) no momento em que ele nota a profundidade que a crônica traz consigo em sua reflexão, e para que, concomitantemente, a comunicação possa se sair bem-sucedida.

Finalmente, o último ponto da teoria de Miller a ser correlacionado com a crônica de



Luis Fernando Verissimo é sobre como o texto do cronista se configura como uma ação retórica articulada em nível individual, ao mesmo tempo em que se insere dentro de uma comunidade retórica e de um contexto sociocultural específico. A quebra de expectativa concernente à crônica “O futuro do GPS” pela percepção dos leitores seria exatamente essa ação social que goza de uma certa liberdade de criação no seu ato de concretizar-se. Logo, Verissimo tem credibilidade e legitimidade para realizar uma transgressão temática no intuito de pensar além de uma ponderação mais rasa acerca de uma gama de assuntos já tipificados pelo padrão das crônicas jornalísticas.

Essa inferência concorda com o pensamento de Carolyn Miller quando ela diz que o gênero seria uma estrutura de poder que as instituições exercem: Verissimo está inserido na comunidade retórica do âmbito jornalístico, e tem respaldo e autoridade para influenciar a mentalidade dos leitores do jornal *O Globo*. Em razão disso, percebe-se a relação entre um micronível (a produção de Verissimo) e um macronível (a comunidade retórica e o contexto no qual ele produz a crônica), unindo o singular ao recorrente e demonstrando como o texto desse cronista pode ser interpretado como um embate entre forças centrífugas, evidenciadas pela especificidade de construção temática e de estratégia narrativa mediante a capacidade criativa do escritor, e forças centrípetas, que operam de modo a manter a reprodução de ações retóricas recorrentes, tipificadas e elaboradas em larga escala por vários outros retores.

Encerra-se aqui a seção de interpretação com a seguinte passagem, na qual Miller demonstra precisamente o *modus operandi* que não somente Luis Fernando Verissimo utiliza,

mas todos os usuários da língua de uma determinada sociedade e em determinado contexto histórico quando reproduzem ações retóricas já tipificadas na forma de gêneros textuais:

O que a noção de reprodução acrescenta é a ação dos participantes: atores sociais *criam* recorrência em suas ações ao reproduzir os aspectos estruturais das instituições, ao usar estruturas disponíveis como meio para sua ação e, desse modo, produzir essas estruturas de novo como resultados virtuais, disponíveis para futura memória, interpretação e uso. (MILLER, 2012, p.49).

4. Considerações finais

Refletindo acerca dos estudos de Miller sobre os gêneros retóricos e sobre a crônica de Luis Fernando Verissimo, apreende-se que a produção textual empreendida por esse retor



configura-se como uma ação retórica de caráter individual que goza evidentemente de certa liberdade em seu processo criativo em decorrência da especificidade de construção temática e de estratégia narrativa utilizadas, ao mesmo tempo em que recorre a modelos ou formas já disponíveis e cristalizadas pela recorrência e tipicidade das situações que propiciam a formação temática e estilística de uma crônica jornalística. Assim, depreende-se que o cronista utilizou a narração do seu encontro com um aparelho de GPS durante a Copa do Mundo da Alemanha como fato corriqueiro a servir de base para a reflexão de cunho imaginário de que a sociedade contemporânea precisaria também de um GPS para guiá-la e orientá-la sobre os melhores caminhos a serem trilhados, exatamente porque os antigos valores que a norteavam até então já se mostravam obsoletos e antiquados em seus usos.

Aqui, vale destacar que a ideia de Carolyn Miller sobre o gênero como aspecto da comunicação em uma ação situada e passível de ser reproduzida e que se manifesta em mais de um espaço-tempo por se adequar às mais diversas situações é central, tendo em vista que a crônica jornalística analisada é um exemplo concreto do embate entre as forças de caráter conservador e regulador, mencionadas por Miller como sendo as “forças centrípetas”, e as forças de teor inovador e de tom destoante das produções já reproduzidas anteriormente por outros retores, colocadas pela autora como “forças centrífugas”. Destarte, a proposta de Verissimo ao idealizar um “GPS moral” é individual e situada no contexto desse cronista, porém o modelo ou fórmula criada a partir dessa ação retórica pode e poderá ser reproduzida por aqueles que tenham contato com o texto, de modo a reproduzi-lo com novas marcas de escrita, estilo composicional e diferenças na reflexão final que é proposta na conclusão das crônicas jornalísticas.

Com base no que foi apresentado, afirma-se que a crônica de Luis Fernando Verissimo é uma ação retórica situada com uma finalidade específica e condizente com o contexto sociocultural na qual foi produzida, ao mesmo tempo em que se insere num todo mais amplo da comunidade retórica da esfera jornalística por ser também parte integrante desse sistema de atribuição de ações retóricas características, trazendo consigo a reprodução de toda essa estrutura subjacente, em relação dialética de “ação *versus* instituição” (MILLER, 2012, p.48).

Referências

COSSARI, Paulo Henrique. O cotidiano representado na crônica jornalística. *Anais do 6º Encontro Celsul-Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Santa Catarina*, 2004.

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e11565

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11565>



MILLER, Carolyn. **Gênero textual, agência e tecnologia.** São Paulo: Parábola/Editora Universitária UFPE, 2012. 192 p.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 1, 2012.

VERISSIMO, Luis Fernando. O futuro do GPS. **O Globo**, 31 dez. 2009.

VERISSIMO, Luis Fernando. **O FUTURO DO GPS - Luiz Fernando Verissimo (escrito em 2009).** Cult Carioca. Nov. 2013. Disponível em:
<<https://www.cultcarioca.com.br/2013/11/luis-fernando-verissimo-o-futuro-do-gps.html>>. Acesso em: 16 nov. 2022.